
Relação entre elementos verbais e não verbais num caso de rescisão cirúrgica de tumor infiltrativo

Elaine Cristina de Oliveira*

Resumo

Este estudo teve como objetivo discutir a relação entre extralingüístico e/ou contexto extraverbal – trataremos mais especificamente dos gestos – e linguagem verbal. Tal opção resultou da hipótese de que a relação entre contexto extraverbal e linguagem verbal atuaria de forma singular nos processos de significação de sujeitos com dificuldades de linguagem. Participou desse estudo um sujeito com dificuldades de linguagem devido a uma lesão cerebral causada pela rescisão cirúrgica de um tumor infiltrativo. Os dados analisados foram extraídos de atividades enunciativas desse sujeito, filmadas em duas sessões de atendimento – uma individual e outra em grupo – ocorridas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Unicamp. A análise dos dados nos possibilitou observar que o gesto é um lugar preferencial no qual o sujeito em questão se ancora não só para dar prosseguimento a sua atividade enunciativa, mas também para que, numa atividade de interlocução, junto com seus parceiros, possa construir significação, ou seja, atuar com a produção e a interpretação de sentidos. Os dados analisados nos permitiram conjecturar que o elo entre aquilo que se poderia, talvez, chamar de verbal e de não-verbal, de lingüístico e de extra-lingüístico é a produção de sentido.

Palavras-chave: *Linguagem, estudos de linguagem, transtornos da linguagem.*

Abstract

This study aimed to discuss the relationship between extra verbal context and/ or extra linguistic – we will deal more specifically with gestures - and verbal language. Such option has resulted from the hypothesis that the relation between extra verbal context and verbal language would act in a singular way on the processes of meaning of subjects with language difficulties. It took part on the study a subject with language difficulties due to a brain damage caused by the surgical rescission of an infiltrative tumor. The analyzed data were taken from enunciative activities of this subject, filmed in two appointed sessions - one individual and the other in group - that took place in the “Centro de Convivência de Afásicos” (CCA) at Unicamp. The analysis of the data made it possible to notice that the gesture is a preferential place in which the subject in matter leans not only to go on with his enunciative activity, but also so that, in a speaking activity along with his partners, he may build meaning, that is, to act with the production and interpretation of senses. The analyzed data allowed us to conjecture that the link between what we might call verbal and non verbal, linguistic and extra linguistic is the production of sense.

Keyword: *Language, language arts, language disorders.*

* Mestre em Estudos Lingüísticos pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo discutir la relación entre contexto extraverbal y/o extralingüístico – trataremos más específicamente de los gestos – y lenguaje verbal. Esa opción resultó de la hipótesis de que la relación entre contexto extraverbal y lenguaje verbal actuaría de forma singular en los procesos de significación de sujetos con dificultades de lenguaje. Participó de ese estudio un sujeto con dificultades de lenguaje debido a una lesión cerebral causada por la rescisión quirúrgica de un tumor infiltrativo. Los datos analizados se extrajeron de actividades enunciativas de ese sujeto, filmadas en dos sesiones de atención – una individual y otra en grupo – ocurridas en el Centro de Convivencia de Afásicos (CCA) de Unicamp. El análisis de los datos nos permitió observar que el gesto es un lugar preferencial en el que el sujeto en cuestión se anclaba, no sólo para dar seguimiento a su actividad enunciativa, sino también para que, en una actividad de interlocución, junto con sus compañeros, pudiera construir significación, o sea, actuar con la producción e interpretación de sentidos. Los datos analizados nos permitieron conjeturar que el eslabón entre lo que se podría, tal vez, llamar de verbal y de no-verbal, de lingüístico y de extra-lingüístico es la producción de sentido.

Palabras claves: Lenguaje, estudios del lenguaje, trastornos del lenguaje.

*Tem palavra
que não é de dizer
nem por bem
nem por mal
tem palavra
que não se conta
nem prum animal
tem palavra
louca pra ser dita
feia bonita
e não se fala
tem palavra
pra quem não diz
pra quem não cala
pra quem tem palavra
tem palavra
que a gente tem
e na hora H falta*

(Alice Ruiz, “Tem palavra”)

Introdução

É muito comum vivermos situações nas quais a sensação é a de que a palavra “está na ponta da língua” e, mesmo assim, não conseguimos dizê-la. Quem nunca esqueceu o nome de alguém, quem nunca “se perdeu” enquanto falava, quem nunca “perdeu o fio da meada”? É assim que muitos sujei-

tos que têm prejuízos na linguagem – por acidente vascular cerebral, traumatismo crânio-encefálico ou processos expansivos como aqueles em que estão envolvidos tumores – se sentem. É assim que o sujeito deste estudo – de agora em diante SR – se sente em muitas situações, algumas das quais serão analisadas neste trabalho¹.

Foram nos atendimentos individuais e em grupo realizados com SR no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Unicamp, nos anos de 2003 e 2004, que um fato nos chamou a atenção: o modo como os gestos apareciam na atividade enunciativa de SR. Os gestos usados por SR pareciam atuar de modo muito singular em sua atividade lingüístico-enunciativa. Observamos que durante sua atividade enunciativa, ora os gestos ocupavam o lugar de uma palavra, ora acompanhavam uma seqüência lingüística ou um enunciado².

Da observação desses fatos decorreu nosso objetivo: discutir a relação entre aquilo que se convencionou chamar de “extralingüístico” e/ou “contexto extraverbal” – trataremos mais especificamente dos gestos – e “linguagem verbal”. Tal opção resulta da hipótese de que a “contexto extraverbal” e “linguagem verbal” atuam de forma singular nos processos de significação de SR³. Melhor dizendo, os gestos seriam uma parte inseparável e

¹ Desenvolvi este trabalho durante o curso de doutorado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Uma versão anterior a esta foi apresentada no exame de qualificação de área como parte das exigências para obtenção do título de Doutor no Programa de Doutorado em Lingüística da Unicamp, sob a orientação da Profª. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

² Enunciado, neste trabalho, será compreendido nos termos de Bakhtin (2003). Para o autor, o enunciado não deve ser visto como uma unidade convencional – unidade da língua, como a oração –, mas como uma unidade real do diálogo.

³ A noção de *processos de significação* deve ser interpretada tal como vem sendo formulada na abordagem discursiva de

constitutiva do enunciado de SR, que tornariam sua atividade enunciativa plena de significação.

Quanto à fundamentação teórica tivemos por base o estudo de Jakobson (1956/1995), que trata de duas operações fundamentais para o funcionamento da linguagem: a combinação e a seleção de unidades lingüísticas – cujos problemas de funcionamento, em casos de afasia, podem resultar, respectivamente, em *distúrbios da contigüidade* e *distúrbios da similaridade*. Além disso, baseamos no estudo de Voloshinov (1976) que trata da relação entre “contexto extraverbal” e “linguagem verbal”. Nas seções subseqüentes, estes conceitos serão aprofundados de forma mais específica.

Método

Formado em engenharia elétrica, atualmente com 46 anos, em fevereiro de 2003 SR foi submetido a uma rescisão cirúrgica de tumor infiltrativo⁴ e, desde então, apresenta uma mudança importante no funcionamento da linguagem – tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita. Em relação à modalidade falada, SR afirma ter dificuldade para lembrar nomes – principalmente de pessoas e de objetos – e, em relação à modalidade escrita, afirma ter dificuldades para lembrar algumas letras bem como para ler e compreender o que leu. Essas dificuldades levaram SR a participar de atendimentos individuais e de reuniões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA)⁵, vinculado ao Laboratório de Neurolingüística (LABONE) do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL.

Neste estudo serão apresentados e analisados alguns dados extraídos de atividades enunciativas de SR filmadas em uma sessão de atendimento individual – ocorrida em agosto 2003 – e em

uma sessão em grupo – ocorrida em novembro de 2004⁶.

Vários trechos das gravações foram selecionados para análise. No entanto, privilegiou-se apenas a apresentação dos dados julgados como os mais representativos para a discussão que se pretende realizar, aqui, sobre a relação entre gestos e linguagem verbal. Como critério de análise e interpretação dos resultados, conforme adiantamos, utilizamos o estudo de Jakobson (1956/1995) e o estudo de Voloshinov (1976).

Quanto à transcrição das atividades enunciativas, foram adotadas as normas do Banco de Dados em Neurolingüística (BDN). De acordo com Freire (2004), o BDN vem se desenvolvendo desde 1996 no interior do Projeto Integrado em Neurolingüística da Unicamp, sob a coordenação da Prof^a. Maria Irma Hadler Coudry, tendo como finalidade, principalmente, a transcrição, o armazenamento e a busca de dados *achado*⁷. Conforme essa autora, para retratar a dinâmica das situações dialógicas, o BDN organiza os dados em tabelas e dispõe de um sistema de notação e codificação, bem como de um sistema aberto de busca – baseado em categorias descritivas – que auxilia a identificação de dados. A autora observa também que a configuração inicial do BDN vem sofrendo modificações para atender ao movimento da relação dado/teoria, previsto no funcionamento da linguagem, que decorre das condições em que se dão as interações entre os interlocutores envolvidos em determinada prática discursiva. Dessa forma, a tabela foi adaptada mantendo-se: (1) numeração de linhas para facilitar a análise e a discussão dos dados; (2) sigla de identificação do locutor; (3) transcrição propriamente dita. O item proposto pelo BDN como *Observações sobre as condições de produção do*

neurolingüística – conferir, especialmente, os trabalhos de Coudry (1988 e 2000), Coudry e Morato (1988 e 1991). Em linhas gerais, a noção de *processo de significação* se refere ao modo pelo qual os parceiros de uma atividade de interlocução constroem a significação, ou seja, o modo como eles atuam com elementos verbais e não-verbais para produzir e interpretar sentidos.

⁴ Esta rescisão cirúrgica foi realizada em virtude do diagnóstico de que SR tinha uma lesão que comprometia o hipocampo esquerdo, núcleo amigdalóide e pólo temporal, bem como outra lesão similar no tálamo esquerdo que se estendia à região subtalâmica, mesencéfalo à esquerda e placa quadrigemial. Após a cirurgia, SR fez diversos exames de controle pós-operatório e, particularmente, no exame que foi feito no dia 17/09/2003, constatou-se que ainda persistia uma lesão tumoral residual na região talâmica posterior – fato que obriga SR, até hoje, a fazer constantemente exames de controle. Aliás, os retornos para avaliação de seu quadro clínico relativamente instável é um dos aspectos de sua doença que lhe causa maior angústia.

⁵ Atualmente, o Centro de Convivência de Afásicos está organizado em dois grupos de atendimento – Grupos I e II. As atividades desenvolvidas semanalmente em cada grupo estão sob a responsabilidade da Prof. Dra. Edwiges Maria Morato (Grupo I) e da Prof. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (Grupo II). O sujeito SR pertence ao grupo II.

⁶ Antes de iniciarmos as filmagens, SR assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁷ De acordo com Coudry (1996) o dado-achado resulta da articulação de teorias sobre o objeto investigado e a prática de avaliação e acompanhamento clínico.

enunciado foi subdividido em duas colunas: (4) *verbal* e (5) *não-verbal*. Segue em anexo a legenda da notação usada na transcrição e adaptada para as necessidades deste trabalho.

Análise e discussão dos dados

Durante a análise dos dados, observou-se que a relação que se estabelecia entre os gestos e os enunciados verbais de SR poderia ser organizada em três modos de funcionamento: no primeiro modo, o gesto e o enunciado aparecem relacionados como numa amálgama; no segundo modo, o gesto ocupa

o lugar de palavras ou seqüências lingüísticas no enunciado; e, no terceiro modo de funcionamento, o gesto aparece acompanhando o enunciado. É a partir desses três modos de funcionamento da relação entre gestos e enunciados verbais que a análise e a discussão dos dados foram organizadas.

Sobre o primeiro modo de funcionamento

Observe-se o Dado 01, – notar, particularmente, os gestos descritos na coluna *Observações sobre os processos de significação não-verbais*:

Dado 01 – Essa atividade enunciativa foi extraída de uma sessão individual realizada em agosto de 2003 logo que SR chegou ao CCA. A investigadora (Iec) e SR conversavam sobre os serviços domésticos que ele realizava antes da cirurgia

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	
			Verbal	não-verbal
		INÍCIO DO RECORTE		
01	Iec	ah é chato cê lava?		
02	SR	ah eu lavo		
03	Iec	passa lava o quê? lava louça?		
04	SR	já não tenho lavado nos últimos dias / mas eu lavei na minha vida		
05	Iec	é?		
06	Iec	e gostava?		
07	SR	gostava		
08	Iec	eu não / mentira eu não acredito	tom afirmativo	
09	SR	porque à noite eu chegava à noite eu tinha qui:: chi:::		gestos de lavar louça
10	SR	depois eu ia pro sofá ta ta ta		gestos de cortar alguma coisa
11	SR	enquanto isso ((ligava)) descascando cascando	trecho entre parênteses muito distorcido	gestos que poderiam ser de ligar um aparelho
12	SR	daqui a pouco levava prum::: pra aquelas	entoação suspensiva	gestos de uma vasilha depois do alongamento
13	SR	enquanto isso punha lá no chuveiro voltava		fazendo gestos de deslocamentos com o corpo de um lado para outro, como se estivesse indo para o chuveiro e depois voltando para a cozinha.
14	SR	daí a pouco voltava enquanto tchi tchi tcha		gestos de lavar alguma coisa
15	Iec	voltava depois do banho mas fazia o que comida?		
16	SR	é		
17	Iec	fazia comida?		
18	SR	é quantas vezes		
19	Iec	seu próprio jantar		
20	SR	vichi quantas vezes gostava porque gostava		
			FIM DO RECORTE	

Observa-se nas linhas 09, 10 e 14 que os gestos de SR aparecem amalgamados a uma estrutura sonora que poderia ser comparada a uma “onomatopéia”⁸:

(a) “*chi:::*” (linha 09), que poderia representar o barulho da água quando sai da torneira;

(b) “*ta ta ta*” (linha 10), que poderia representar o barulho de uma faca cortando algo;

(c) “*tchi tchi tcha*” (linha 14), que poderia representar, também, o barulho da água quando sai da torneira.

Em (a), a amálgama que se forma entre a estrutura sonora e os gestos ocupa possivelmente o lugar da seqüência lingüística “lavar a louça”. Em (b), a estrutura sonora e os gestos parecem ocupar o lugar de uma seqüência lingüística tal como “cortar algo” e, por fim, em (c), a estrutura sonora e os gestos ocupam possivelmente o lugar da seqüência lingüística “lavar algo”. Em todos os casos apresentados, gesto e estrutura sonora parecem integrar-se de tal forma no enunciado de SR que seria difícil para seu interlocutor atribuir sentido ou só para os gestos, ou só para a estrutura sonora.

Jakobson (1956/1995, p. 45) ressalta que os distúrbios da fala podem afetar, em graus diversos, a capacidade que o indivíduo tem de realizar duas operações fundamentais para o funcionamento da linguagem: (1) combinar e (2) selecionar unidades lingüísticas – respectivamente, no caso de capacidades afetadas em afásicos, *distúrbio da contigüidade* e *distúrbio da similaridade*. Segundo o autor,

quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala, não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir

repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum (JAKOBSON, 1956/1995, p. 37).

Para o autor, “pode-se dizer que a concorrência de unidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes lingüísticos” (Jakobson, 1995, p. 37). A questão primordial, nas diferentes formas de afasia, é a de saber qual das duas operações aparece mais afetada. Embora os dados apresentados neste trabalho sejam de um sujeito com lesão cerebral caracterizada por processo expansivo progressivo e não de um afásico clássico – no qual a lesão cerebral após o Acidente Vascular Cerebral (AVC) ou Traumatismo Crânio-Encefálico (TCE), de certa forma, se estabiliza – algumas das considerações de Jakobson sobre o funcionamento lingüístico da afasia ajudarão a esclarecer a proposta de discutir a relação entre gestos e os enunciados produzidos por SR.

Jakobson (1970) ressalta que, se a atenção de um paciente afásico é focada sobre a contigüidade, ou seja, sobre a possibilidade de combinar unidades lingüísticas, “das duas variedades de figuras da fala – metáfora, baseada na semelhança, e metonímia, na contigüidade – só a última é usada e apreendida por ele (p.51)”. Nos exemplos extraídos do Dado 01, parece ser nesse lugar – o dos recursos metonímicos – que se estabelece a relação entre os gestos e os enunciados produzidos por SR. A relação entre o enunciado “*chi:::*” (linha 09), por exemplo, e o gesto de lavar louça constitui um todo – a ação e o ruído de lavar louça – e só pode ser interpretada se considerada a integração entre os elementos verbais e gestuais. O que parece ocorrer é uma complementaridade intersemiótica⁹, ou seja, uma combinação de sistemas de signos verbais e não-verbais de um modo muito singular. Destaca-se, ainda, que o fato de SR lançar mão de recursos metonímicos

⁸ Embora as estruturas sonoras apresentadas pudessem, talvez, ser classificadas como “onomatopéias”, optou-se pela expressão “estrutura sonora”, tendo em vista os significados convencionalmente atribuídos ao termo “onomatopéia”: para os gramáticos – cf., a título de exemplo, Cunha e Cintra (2001) –, esse termo é reservado para palavras imitativas que procuram reproduzir certos sons ou certos ruídos e que guardam um vínculo muito estreito com o referente. As “onomatopéias” produzidas por SR, se analisadas de forma isolada, desvinculadas dos gestos, não guardam nenhum vínculo necessário com o referente. A interpretação dessas estruturas sonoras depende, portanto, da relação que se estabelece entre elas e os gestos de SR.

⁹ Jakobson (1970) destaca que pacientes com distúrbios da similaridade (falhas na metalinguagem) apresentam dificuldades na comutação de códigos (tradução dentro de uma mesma língua ou de uma língua para outra) e na capacidade de tradução intersemiótica, ou seja, transposição de um sistema de sinais para outro. O autor cita como exemplo, o paciente que não consegue nomear um objeto mostrado numa ilustração ou apontado pelo examinador. Esse paciente falharia ao transferir um ícone ou índice para um símbolo correspondente. A nosso ver, esse não parece ser o caso de SR, ou seja, dificuldade de tradução semiótica, o que parece ocorrer é um modo diferente de atuar com essa relação semiótica.

relaciona-se, provavelmente, com a sua dificuldade no eixo das similaridades, que supõe um ato de selecionar palavras. Essa dificuldade de seleção, talvez, justifique a ocorrência tão freqüente dessa integração entre gestos e enunciado verbal, quando comparamos os enunciados de SR com sujeitos sem lesão cerebral. Essa relação (gesto e enunciado verbal) não é exclusividade do funcionamento da atividade enunciativa de SR, mas a freqüência com que ocorre certamente o é, e é esse um dos lugares em que se observa a singularidade de seus processos de significação.

Nota-se, porém, no Dado 01, que, em alguns momentos, o gesto pode aparecer desvinculado de uma estrutura sonora. É esse outro modo de funcionamento dos gestos na sua relação com o enunciado verbal de SR que será analisado a seguir.

Sobre o segundo modo de funcionamento

Quanto ao segundo modo de funcionamento da relação entre gesto e enunciado verbal, observou-se que o gesto ocorre de modo não-amalgamado a uma estrutura sonora como as que foram exemplificadas acima. O gesto, no segundo caso, parece ocupar o lugar de uma palavra. É o que se vê, por exemplo, em “*daqui a pouco levava prum:: pra aquelas*” (linha 12, Dado 01) em que a continuidade deste enunciado, no ponto da cadeia marcado por um alongamento, é preenchida por um gesto que pode ser interpretado como sendo uma tentativa de SR de imitar os contornos de uma vasilha.

Ao tratar do *distúrbio da similaridade*, Jakobson (1956/1995) observa que, nesta operação, se um dos signos sinonímicos de dois códigos semióticos diferentes estiver presente – cita como exemplo a palavra “lápiz” e o gesto de apontar –, então o outro signo se tornará *redundante* e, conseqüentemente, supérfluo.

Esse parece ser o caso de SR. Quando ele faz, por exemplo, o uso de um gesto que pode ser interpretado como sendo uma tentativa de imitar os contornos de uma vasilha para dar continuidade à seqüência lingüística “*daqui a pouco levava prum:: pra aquelas*” (linha 12, Dado 01), ele deixa de emitir dizer a palavra “vasilha” que estaria relacionada a esse gesto, uma vez que essa emissão parece se tornar redundante.

Convém destacar, novamente, que a relação entre gesto e enunciado verbal parece atuar de modo singular no processo de significação de SR. Tendo em vista que uma de suas dificuldades é a de evocar nomes – principalmente de pessoas e de objetos –, SR parece se ancorar nos gestos para dar prosseguimento a sua atividade enunciativa. A interpretação da relação entre gesto e enunciado verbal como um processo singular de significação fica fortalecida, também, pela existência de uma diferença importante no uso que SR faz dos gestos na sua atividade enunciativa e o uso que, em geral, outras pessoas sem lesão cerebral fazem. Passemos à análise e discussão do terceiro modo de funcionamento da relação entre gesto e enunciado verbal.

Sobre o terceiro modo de funcionamento

Observa-se que, geralmente, pessoas consideradas como sem lesão cerebral usam gestos durante a fala de forma redundante, uma vez que esses gestos não aparecem “ocupando” o lugar de uma palavra – ou várias –, como foi possível notar no enunciado da linha 12, Dado 01 de SR.

Esta redundância no uso de gestos por sujeitos sem lesão cerebral pode ser observada, por exemplo, nos gestos que acompanham o enunciado verbal da investigadora *Iec*. Observe-se o Dado 02 a seguir:

Dado 02 – Nessa atividade enunciativa ocorrida em agosto de 2003, SR e a investigadora Iec conversavam sobre a construção da nova casa de SR.. Trata-se de uma parte da explicação para a pergunta feita anteriormente por Iec sobre o andamento da obra

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	
			Verbal	não-verbal
		INÍCIO DO RECORTE		
1	SR	só vai ficar montando / é o cara que só monta nessa distância aqui assim ó		gestos com a mão formando um quadrado
2	Iec	o que é isso tijolo?		
3	SR	vai montar vai montando só as	entoação suspensiva	gestos com as mãos espalmadas para cima e para baixo
4	Iec	parede?		imita os gestos de SR com as mãos para cima e para baixo
5	SR	não num é parede não é::		repete os gestos com as mãos para cima e para baixo formando o que parece ser uma coluna
6	Iec	aquelas colunas?		
7	SR	Colunas		
8	Iec	ah tá a coluna / a que vai sustentar as paredes		gestos representando uma coluna e uma parede
9	SR	é // exatamente		
10	Iec	ahn entendi então tem uma pessoa que faz essas colunas		gesto de uma coluna
11	Iec	e enche com concreto né?		gesto de encher alguma coisa
			FIM DO RECORTE	

É possível observar na atividade enunciativa de Iec, especificamente nas linhas 04, 08, 10 e 11, que todos os seus gestos aparecem de forma redundante acompanhando seus enunciados verbais:

(a) na linha 04, Iec imita os gestos de SR com as mãos espalmadas para cima e para baixo, que tentam representar o enunciado “*parede?*” que acompanha o gesto;

(b) na linha 08, o gesto que representa uma coluna acompanha o enunciado “*ah tá a coluna*” e o gesto que representa uma parede acompanha o enunciado “*a que vai sustentar as paredes*”;

(c) na linha 10, o gesto que representa uma coluna acompanha o enunciado “*ahn entendi então tem uma pessoa que faz essas colunas*”; e

(d) na linha 11, o gesto que representa a ação de encher alguma coisa acompanha o enunciado “*e enche com concreto né?*”.

É possível observar que, em nenhum momento dessa atividade enunciativa, os gestos de Iec parecem ocupar o lugar de uma ou de várias palavras,

tal como se observa na atividade enunciativa de SR. Note-se que, nas linhas 01, 03 e 05 (Dado 02), todos os gestos realizados por SR – gestos com a mão formando um quadrado, gestos com as mãos espalmadas para cima e para baixo, gestos com as mãos para cima e para baixo formando o que parece ser uma coluna – parecem ocupar um ponto da cadeia de seu enunciado verbal. Nesse ponto do enunciado, SR deixa de emitir palavras que estariam relacionadas aos gestos descritos, uma vez que essa emissão verbal lhe parece redundante. Além disso, sua dificuldade de similaridade, ou seja, de selecionar, de evocar palavras, provavelmente, esteja contribuindo para esse uso de gestos que ocupam lugar de palavras em pontos específicos de seu enunciado verbal.

No entanto, os gestos de SR, em alguns casos, assemelham-se bastante ao modo de funcionamento descrito na atividade enunciativa de Iec, ou seja, os gestos aparecem acompanhando seus enunciados verbais. Observe-se o Dado 03 a seguir:

Dado 03 – Essa atividade enunciativa foi extraída de uma sessão individual ocorrida em agosto de 2003. SR conta que, na sessão em grupo ocorrida no dia anterior, prometeu que numa próxima reunião iria tocar violão para o grupo

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	
			verbal	não-verbal
		INÍCIO DO RECORTE		
1	SR	você não sabe o que aconteceu comigo		
2	Iec	o que?		
3	SR	eu fui mentir / tanta coisa falei ó pode deixar que eu joga joga joga tan::		gestos de tocar um violão
4	Iec	joga? o que que é isso aqui?	tom interrogativo	imita o gesto que SR fez de tocar o violão
5	SR	e é tudo mentira / quer dizer eu joguei durante trinta anos da minha vida		
6	Iec	jogou? jogou o que futebol?		
7	SR	é futebol / não / futebol / jogamos não não / quando você tá jogando		gestos de tocar violão
8	Iec	não você tó::	entoação suspensiva	
9	SR	o meu amor sozinho	cantando	Gesto de tocar violão
10	Iec	óh é jogar ou tocar?		
11	SR	Tocar		
12	Iec	tocar / você tocava o que?		
13	SR	gostava de mil / mortes* / quer dizer quantidade quantidades		gestos com os dedos indicando quantidade/ muito
14	Iec	Muitas músicas		
			FIM DO RECORTE	

* Embora não esteja no foco deste trabalho, é interessante notar a substituição de "montes" (palavra mais provavelmente pretendida) por "mortes" feita por SR. Para Saussure (1975), os elementos da língua associam-se, na memória, por similaridades tanto de seus significantes quanto de seus significados (além de similaridades baseadas em ambos os aspectos do signo linguístico). A substituição em questão nos mostra o quanto características fonológicas (e não apenas semânticas) podem estar em ação em processos de substituição como o acima destacado. Já a correção feita, "quer dizer quantidade quantidades" nos parece mobilizar justamente a equivalência semântica entre "montes" (palavra pretendida, substituída, no enunciado, por outra de significante similar) e "quantidades", que, por sua vez, corrige "quantidade", já que esta última, no singular, pode não ter parecido, para SR, como a mais adequada para corrigir uma palavra emitida no plural ("mortes"). Vê-se, pois o movimento de várias esferas da língua (no caso: a fonológica, a semântica e a gramatical) atuando em processos de substituição como este de SR.

Neste dado, observa-se que, na linha 03, o gesto de tocar violão acompanha o enunciado verbal "*eu fui mentir / tanta coisa falei ó pode deixar que eu joga joga joga tan::*" e, na linha 13, o gesto com os dedos indicando quantidade acompanha o enunciado verbal "*gostava de mil / mortes / quer dizer quantidade quantidades*", assemelhando-se, como já dissemos, ao funcionamento descrito para a atividade enunciativa de Iec – sujeito sem lesão cerebral.

Porém, é possível destacar uma particularidade na relação entre gestos e enunciado verbal de SR, especialmente na linha 03. Observe-se que a palavra "jogo" selecionada por ele está vinculada ao gesto de tocar violão. Poder-se-ia dizer que existe

um "descompasso" entre o que SR *seleciona* em seu enunciado verbal e a *seleção* que realiza no plano gestual. Esse "descompasso" parece ser percebido por Iec (linha 04), quando ela pergunta para SR "*joga? o que que é isso aqui?*" e imita o gesto que SR fez de tocar o violão, possivelmente, na tentativa de que ele refizesse a seleção da palavra "jogo" pela palavra "toco" no enunciado verbal usado para representar o gesto de tocar violão. No entanto, mesmo quando Iec chama a atenção de SR (linha 04) ele continua fazendo *seleções* no eixo paradigmático que se relacionam com o verbo jogar: por exemplo, "*joguei*" (linha 05) e *jogamos/jogando* (linha 07). Mais uma vez, assinala-se a di-

ficuldade de SR de selecionar unidades lingüísticas, ou seja, o *distúrbio da similaridade*.

Porém, uma outra hipótese deve ser considerada para explicar a seleção – feita por SR em seu enunciado verbal – da palavra “jogar” para representar o gesto de tocar violão: o fato de ele ter sido um falante fluente da língua inglesa¹⁰. Ou seja, é possível que a escolha de SR tenha sido mobilizada pela palavra “play”, que, em inglês, significa tanto “jogar” quanto “tocar” instrumentos musicais.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que, para que Iec pudesse atribuir sentido aos enunciados verbais de SR, foi preciso que ela levasse em conta principalmente o gesto de SR de tocar

violão e não apenas o seu enunciado verbal. Esse fato indicia a atuação muito singular que o gesto parece assumir nos processo de significação de SR. Essa singularidade também pode ser observada no “descompasso” entre o seu gesto de tocar violão e seus enunciados verbais. É possível que esse descompasso – notado pelo seu interlocutor – ocorra com mais frequência na atividade enunciativa de SR do que na atividade enunciativa de sujeitos considerados como sem lesão cerebral.

Um outro modo muito singular de funcionamento do gesto que acompanha o enunciado verbal de SR pode ser observado no Dado 04:

Dado 04 – Essa atividade enunciativa foi extraída de uma sessão em grupo ocorrida em novembro de 2004. Nesse momento da sessão, SR comentava com o grupo sobre a sua dificuldade de lembrar o nome das pessoas e cita como exemplo o nome de LS

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	
			verbal	não-verbal
		INÍCIO DO RECORTE		
1	SR	mas você vê que vergonha a minha / da minha colega que está do lado aqui / tem SU / SU aqui gravado em SU / um		Realiza um gesto discreto de apontar com o dedo para o lado em que se encontrava a pessoa que SR pretendia dizer o nome. Em seguida, faz gestos de escrita da letra C enquanto fala
2	SR	um I – A / como que eu vou conseguir lembrar desse nome? não lembro //	Tom de decepção	Realiza o gesto das letras C, I e A respectivamente
3	Imc	como é que é su:	Entoação suspensiva	
4	RL	a Lúcia?	Outros interlocutores respondem simultaneamente	
5	SR	Lúcia, isso / tá vendo		
6	Imc	ah /da minha colega ali Lúcia / tem um SU		
7	SR	Su / Su		
8	SL	ele escreve no ar assim / né	Imitando os gestos de SR	
9	SR	tá na minha...		Aponta a cabeça e repete os gestos de escrita no ar das letras C e U
			FIM DO RECORTE	

Particularmente em “*mas você vê que vergonha a minha / da minha colega que está do lado aqui / tem SU / SU aqui gravado em SU / um*” (linha 1), SR faz gestos no ar que acompanham

uma parte específica de seu enunciado, as sílabas /su/. Estes gestos recuperam o contorno de uma letra que poderia representar parte da estrutura silábica *su*. O gesto da letra e a estrutura silábica,

¹⁰ Três meses antes da cirurgia, SR havia passado uma longa temporada na Inglaterra. As primeiras palavras que SR disse logo que retornou da cirurgia foram em inglês. Além disso, observa-se que, com muita frequência, seleciona expressões em inglês em seus enunciados verbais, tais como: “good morning girl”, “hello boy”, “yes my boy” dentre outras.

por sua vez, podem ser associados à palavra que SR pretendia dizer: *Lúcia*. Afinal, assim como a letra C é parte da representação alfabética desse nome, as unidades que compõem a sílaba *su* – os fonemas /s/ e /u/ – fazem parte, de fato, da estrutura sonora do nome *Lúcia* [^lusja]. No entanto, é possível notar que, diferentemente da relação que se estabelecia no primeiro modo de funcionamento – gesto e estrutura sonora integravam-se de tal forma que se tornava difícil atribuir sentido ou só para os gestos, ou só para a estrutura sonora –, nesse dado, gesto e estrutura sonora – no caso a sílaba – poderiam ser dissociados sem que se “perdesse totalmente o sentido”.

Neste último exemplo, o gesto acompanhado da estrutura sonora parece ser aquilo no que se ancora SR para evocar, a partir de seu repertório lexical, a palavra ou seqüência lingüística que ele pretende dizer. Em outras palavras, o gesto é o que possibilita SR alçar o seu elemento paradigmático alvo (*Lúcia*) e, conseqüentemente, o que permite a SR buscar uma solução para uma dificuldade com a seleção. Ainda assim, SR não consegue selecionar adequadamente o elemento paradigmático alvo – *Lúcia* –, embora selecione adequadamente alguns elementos que, de fato, compõem esse nome (os fonemas /s/, /u/ e as letras C, I, e A).

Este exemplo também possibilita afirmar que, conjuntamente a uma dificuldade com a seleção –

ou seja, seguindo mais uma vez as classificações de Jakobson (1956/1995), um *distúrbio da similaridade* – existe uma dificuldade na combinação de unidades lingüísticas – ou seja, um *distúrbio da contigüidade* (Jakobson, 1956/1995). Em outros termos, SR tem, ao mesmo tempo, dificuldade para lidar com a concorrência de unidades simultâneas e com a concatenação de unidades sucessivas (Jakobson, 1956/1995, p. 37). Particularmente, a dificuldade com a concatenação de unidades sucessivas pode ser observada na ordenação proposta por SR do gesto e da estrutura sonora: tanto o gesto que recupera o contorno de letras, quanto as estruturas sonoras /s/ e /u/, embora façam parte do elemento paradigmático que ele tenta selecionar, foram concatenados de maneira invertida: /s/ e /u/, bem como S/U (gestos) ao invés de /u/ e /s/.

No exemplo acima, o gesto que SR utiliza para recuperar o contorno de letras está diretamente relacionado com as estruturas sonoras concatenadas por ele no enunciado verbal. Mas nem sempre os gestos que recuperam o contorno de letras e que auxiliam, conforme se afirmou acima, SR a evocar, a partir de seu repertório lexical, a palavra ou seqüência lingüística que ele pretende dizer, aparecem acompanhando uma estrutura sonora correspondente ao gesto. Veja-se o Dado 05:

Dado 05 – Imc propõe a realização de um jogo. Cada participante deveria lembrar o nome de uma pessoa pública e, por meio de elementos verbais (dicas) ou de gestos, o grupo deveria tentar adivinhar quem era essa pessoa. SP começa o jogo imitando o cantor Roberto Carlos por meio de gestos e o grupo consegue acertar. SR, então, começa a cantar uma música.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	
			verbal	não-verbal
		INÍCIO DO RECORTE		
1	SR	laia laia pois cantando nesse mundo / vivo escravo do meu samba (...) vagabundo (...)	Cantando	
2	Imc	de quem é essa música?		
3	SR	ãh ãh:::		Inicia com hesitações o gesto que representa a letra C e H
4	BR	Chico		
5	SR	Chico Buarque		
			FIM DO RECORTE	

Examinando-se o dado acima, nota-se (linha 03) que o enunciado verbal “*ãh ãh:::*” que acompanha o gesto que recupera o contorno das letras C e H não corresponde à emissão verbal das letras C e H. É possível afirmar que, nesse caso, os gestos são acompanhados por uma emissão verbal, mas, que, no entanto, não está diretamente relacionada aos gestos selecionados por SR para recuperar o elemento alvo. Neste dado, parece que principalmente os gestos das letras iniciais do nome alvo de SR (*Chico Buarque*) e não seu enunciado verbal é que permitiram ao interlocutor evocar o nome do cantor da música cantada por SR.

É necessário destacar que SR é um sujeito altamente escolarizado¹¹ e convive, no grupo de afásicos do CCA, com pessoas de diferentes graus de letramento. A ancoragem, durante a atividade enunciativa em gestos que recuperam o contorno de letras que poderiam representar a estrutura sonora do que SR pretende dizer não é usada com qualquer pessoa, ou seja, SR recorre a essa ancoragem apenas quando, na atividade enunciativa, encontram-se presentes pessoas que ele supõe como mais escolarizadas, ou seja, que ele supõe lidarem com maior facilidade com a representação gráfica e gestual das letras e que, portanto, poderiam auxiliá-lo a recuperar a estrutura sonora da palavra.

Além disso, quando SR recupera, por meio de gestos, o contorno de letras que poderiam corresponder à estrutura sonora de palavras que, em suas atividades enunciativas, ele pretende dizer, SR não só encontra ancoragem para sua atividade enunciativa, como também fornece ao interlocutor elementos lingüísticos para que, no todo dessa atividade de interlocução, ambos possam significar.

O modo como a relação entre gestos e enunciados falados foi analisada na atividade enunciativa de SR suscita a seguinte questão: qual a relação

entre os gestos – em geral, considerados como elementos integrantes do contexto extraverbal – e o enunciado falado produzido pelo sujeito SR?

Para encaminhar uma resposta – das muitas possíveis – para esta questão, é necessário levar em conta a interpretação da expressão “contexto extraverbal”. Descartando outras interpretações, concordamos, com base em Voloshinov (1976)¹², que apenas os aspectos lingüísticos, tais como fatores fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, não são suficientes para que se possa descobrir o sentido e o significado de um enunciado. É necessário o chamado “contexto extraverbal”. Longe de ser a causa externa de um enunciado, o “contexto extraverbal” não age sobre o enunciado de fora, ele “*se integra ao enunciado como uma parte constitutiva e essencial da estrutura de sua significação*” (VOLOSHINOV, 1976, p. 04). Observa-se que, nos dados apresentados, o gesto, parte daquilo que se considera como “contexto extraverbal”¹³, é o que torna o enunciado de SR pleno de significação.

Não é, portanto, sem razão que utilizamos, neste trabalho, a expressão “contexto extraverbal” entre aspas. Marcamos, com a utilização das aspas, um distanciamento da expressão “extraverbal”, justamente por considerarmos o que se poderia chamar de “contexto extraverbal” como parte inseparável e constitutiva do enunciado, ou seja, não é possível analisar um enunciado qualquer desvinculado daquilo que se convencionou chamar de “contexto extraverbal”.

Considerações Finais

Com este estudo, foi possível realizarmos alguns apontamentos a respeito do modo como gesto e enunciado verbal poderiam estar relacionados no

¹¹ Conforme adiantamos, SR cursou Engenharia Elétrica. Ele também iniciou estudo em nível de pós-graduação estrito senso na Unicamp, mas não terminou devido à piora do seu quadro clínico.

¹² O trabalho de Voloshinov (1976) foi publicado pelo círculo de Bakhtin. Faraco (2003) menciona que existe uma confusão generalizada quanto à atribuição de autoria aos textos publicados por esse círculo. O autor afirma que alguns estudiosos optam por respeitar as autorias das edições originais, outros atribuem a Bakhtin todos os textos disputados e há uma terceira solução para aqueles que incluem os dois nomes na autoria. Assim como na obra de Faraco, a opção, neste trabalho, é respeitar a autoria das edições originais.

¹³ O “contexto extraverbal” da atividade enunciativa que apresentamos não se limita aos gestos. No Dado 01, por exemplo, a experiência de SR com as atividades domésticas, o papel social que SR e Iec julgam representar em relação a essas atividades, o papel que ambos julgam que o homem e a mulher deveriam representar, as mudanças que eles julgam ocorrer nesses papéis após uma cirurgia que afeta a linguagem, dentre outros, também são fatores fundamentais para caracterizar o “contexto extraverbal”. Este trabalho restringe-se a discutir a importância e o funcionamento de apenas um aspecto: *o gesto*. história de suas ocorrências. Para Bakhtin, o significado e a importância de um enunciado na vida – seja esse enunciado oral ou escrito – não coincide com a estrutura lingüística que compõe esse enunciado. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, sempre vinculados a uma dada esfera da atividade humana, ou, como preferimos, a uma determinada prática social.

funcionamento da linguagem. Foi possível fazer, ainda, considerações acerca da singularidade dessa relação – entre gesto e linguagem verbal – num caso de lesão cerebral em que o funcionamento da linguagem apresenta certas especificidades. Parece que o gesto é um lugar preferencial no qual SR se ancora não só para dar prosseguimento a sua atividade enunciativa, mas também para que, numa atividade de interlocução, junto com seus parceiros, possa construir significação, ou seja, atuar com a produção e a interpretação de sentidos.

Conjectura-se, assim, que o elo entre aquilo que se poderia, talvez, chamar de verbal e de não-verbal, de lingüístico e de extra-lingüístico é a produção de sentido. Corrêa (2002, p.19), ao tratar de vínculos entre elementos verbais e não-verbais, ressalta que “o conhecimento adquirido sobre a linguagem não-verbal pode servir ao estudo da linguagem verbal”. Porém, para o autor, essa não seria a razão mais importante para que as duas “linguagens” deixassem de ser concebidas como antagônicas. Do seu ponto de vista “mais forte é a sua relação de convivência – de complementaridade [de constitutividade, conforme observado neste trabalho], em alguns casos – sempre presente”, quando olhamos para os processos de enunciação em toda sua complexidade.

Agradecimentos

À Prof. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, ao Prof. Dr. Lourenço Chacon e ao Prof. Dr. Luiz Augusto de Paula Souza, pelas preciosas considerações feitas no momento da qualificação de área; à Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry e à amiga Cristiane Carneiro Capristano pela disposição em ler a primeira versão deste artigo.

Referências

- Bakhtin M. Estética da criação verbal. Trad. de P Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
- Corrêa MLG. Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola; 2002.
- Coudry MIH. Diário de narciso: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
- Coudry MIH. Processos enunciativo-discursivos e patologia da linguagem: algumas questões lingüístico-cognitivas. Cad CEDES 1991;61-77.
- Coudry MIH. O que é dado em neurolingüística?. In: Castro MFP, organizador. O método e o dado no estudo da linguagem. Campinas, SP: UNICAMP; 1996.
- Coudry MIH, organizadora. Tecnologia em (re)habilitação cognitiva.

- São Paulo: Ed. São Camilo; 2000. Linguagem, afasia e processo terapêutico; v.1, p. 289-95.
- Coudry MIH, Morato EM. A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos. Cad Estud Linguist 1988;15:117-35.
- Cunha C, Cintra L. Nova gramática do português contemporâneo. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.
- Faraco CA. Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Ed.; 2003.
- Freire FMP. A aplicação do BDN em práticas discursivas à distância. Estud Linguist 2004;33: p.152-7.
- Jakobson R. A afasia como um problema lingüístico. In: Lemle M, Leite Y, organizadores. Novas perspectivas lingüísticas. Petrópolis, RJ: Vozes; 1970. p.43-54.
- Jakobson R. Lingüística e comunicação. 20.ed. São Paulo: Cultrix; 1995/1956. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia; p.34-62.
- Saussure F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix; 1975. Relações sintagmáticas e relações associativas; p.142-7.
- Voloshinov VN. Freudism. Trad. de C Tezza. New York: Academic Press; 1976. Discurso na vida e discurso na arte; p.01-14.

Recebido em agosto/07; **aprovado em** abril/08.

Endereço para correspondência

Elaine Cristina de Oliveira
Rua José Guidini Júnior, 194
Parque Residencial Cândido Portinari – Ribeirão Preto – SP
CEP 14093-540

E-mail: elainec.oliveira@yahoo.com.br

ANEXO*Legenda da notação usada na transcrição:*

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Pausa curta	/	já não tenho lavado nos últimos dias / mas eu lavei na minha vida
Pausa longa	//	é // exatamente
Incompreensão de palavras	(...)	enquanto isso (...) descascava descascando cascando
Interrogação	?	tocar / você tocava o que?
Prolongamento do segmento	::	não num é parede não é::
Hipótese do que se ouviu	(())	enquanto isso ((ligava)) descascando cascando
Ênfase	letra maiúscula	mas, você vê que vergonha a minha, da minha colega que está do lado aqui, tem SU, SU aqui gravado em SU /um
Silabação	hífen	um I - A / como que eu vou conseguir lembrar desse nome? não lembro...

